

A recepção de Ez 26,1-28,19 em Ap 18,9-19

The reception of Ez 26,1-28,19 in Rev 18,9-19

José Adriano Filho

Resumo

O Apocalipse de João utiliza as Escrituras Judaicas mais do que qualquer outro livro do Novo Testamento. João, o seu autor, recorre a imagens e tradições das Escrituras Judaicas, dando-lhes novos significados. Os destinatários do Apocalipse estavam também familiarizados com estas imagens e tradições e entenderiam o seu significado. Considerando isso, esse artigo procura analisar como Ap 18 retoma a profecia de Ezequiel sobre a queda de Tiro (Ez 26-28), que inclui os cantos fúnebres sobre a queda da cidade (Ez 26,15-18; 27,28-36) e o catálogo das mercadorias que Tiro negociava com diversas nações (27,12-25). A partir dos ecos da profecia de Ezequiel, João apresenta o lamento dos reis, mercadores e marinheiros sobre a queda da Babilônia (18,10-19). Nos seus lamentos, a presença dos temas riqueza, comércio marítimo, a lista de mercadorias, orgulho, palavras arrogantes e perguntas retóricas indicam tanto a presença de Ez 26,1-28,19 quanto a crítica econômica como um dos componentes inovadores de Ap 18.

Palavras-chave: Ez 26,1-28,19. Ap 18. Intertextualidade. Crítica Econômica.

Abstract

The Revelation of John uses the Jewish Scriptures more than any other book in the New Testament. John, its author, uses images and traditions from the Jewish Scriptures, giving them new meanings. Revelation's addressers were also familiar with these images and traditions and would understand their meaning. Considering this, this article seeks to analyze how Rev 18 takes up Ezekiel's prophecy about the fall of Tyre (Ez 26-28), which includes the funeral songs about the fall of the city (Ez 26,15-18; 27,28-36) and the catalog of goods that Tyre traded with different nations (27,12-25).

From the echoes of Ezekiel's prophecy, John presents the lament of kings, merchants, and sailors over the fall of Babylon (18,10-19). In their laments, the presence of the themes of wealth, maritime trade, the list of goods, pride, arrogant words, and rhetorical questions indicate both the presence of Ez 26,1-28,19, and economic criticism as one of the innovative components of Ap 18.

Keywords: Ez 26,1-28,19. Rev 18. Intertextuality. Economic Criticism.

No século XX, diversos estudos foram dedicados ao uso das Escrituras Judaicas e tradições míticas do Oriente Próximo no Apocalipse de João.¹ Alguns desses estudos se dedicaram, em particular, à sua relação com o livro do profeta Ezequiel, cuja presença é significativa em diversas partes do livro: Ez 1 e Ap 4; Ez 1 em Ap 1,12, 15, 17; 4,1-8; 10,1; Ez 2,8-3,3 em Ap 5,1; 10,1; Ez 34,37 em Ap 7,13-14.17; 14,2; 14,9-11; 16,2; 17,5; 22,4; Ez 26,1-28,19 em Ap 18; Ez 39-39 em Ap 16,13-14; 19,17-21; 20,7-10; Ez 40-48 em Ap 3,12-13; 11,1-3; 21,9-22,2). Dentre estas passagens, destaca-se Ez 26,1- 28,19, a passagem que fala sobre a queda de Tiro e é utilizada em Ap 18 na narrativa da queda da Babilônia, um capítulo no qual as associações tradicionais da Babilônia da literatura profética dão o nome à cidade (Jr 50-51; Is 13-14; 23; 47), enquanto os oráculos de Ezequiel contra Tiro e o seu rei fornecem o retrato do seu colapso.²

A partir dos ecos do livro do profeta Ezequiel, João apresenta três grupos que lamentam a queda da Babilônia: reis, mercadores e marinheiros (18,9-19). João retoma as profecias de Ezequiel sobre a queda de Tiro, que incluem os cantos fúnebres sobre a queda da cidade (Ez 26,15-18; 27,29-36) e, também, um catálogo das mercadorias que ela negociava com diversas nações (27,12-24). Em Ap 18, os lamentos dos reis (18,9-10) e dos marinheiros (18,17b-19) constituem o enquadramento para o relato mais longo do lamento dos mercadores (18,11-17a), que é dividido em duas partes pela interjeição dirigida à Babilônia (18,14).³ Nos lamentos dos reis, mercadores e marinheiros (18,10-19) a presença dos temas riqueza, comércio marítimo, a lista de mercadorias, orgulho, palavras arrogantes e perguntas retóricas, indicam tanto o uso de Ez 26,1-28,19 em sua composição quanto a crítica econômica como um dos componentes inovadores de Ap 18.

¹ VANHOYE, A., "L'utilisation du livre d'Ezéchiél dans l'Apocalypse", p. 436-476; VOGELGESANG, J. M., The Interpretation of Ezekiel in the Book of Revelation; RUIZ, J. P., Ezekiel in the Apocalypse: The Transformation of Prophetic Language in Revelation 16,17-19,10; MOYISE, S., The use of the Old Testament in the Book of Revelation; LO, W., Ezekiel in Revelation: Literary and Hermeneutic Aspects.

² AUNE, D. E., Revelation III, p. 983.

³ BAUCKHAM, R., The Climax of Prophecy, p. 342.

1- A queda da Babilônia e o colapso do mundo associado a ela

Ap 18 descreve a destruição da Babilônia e o colapso do mundo associado a ela. O texto apresenta tanto a extinção da vida externa da cidade, representada nos lamentos dos reis, mercadores e marinheiros que se beneficiavam por serem seus aliados, quanto da sua vida interna, representada pelo silêncio dos seus moradores (18,21-23a). Antes disso, a Babilônia é descrita como uma prostituta “embriagada com o sangue dos santos e das testemunhas de Jesus” (17,1-6). Não é surpresa, então, que o Apocalipse condene os grupos que eram aliados da “grande cidade”. A literatura apocalíptica da época revela que o Apocalipse não é o único livro a condenar a Babilônia e a presença da literatura profética no texto indica também uma preocupação com a ação recíproca da idolatria, poder militar e comércio. O Apocalipse exorta a sua audiência a evitar ligações econômicas, políticas e religiosas com a Babilônia, pois as instituições e estruturas por ela representadas eram leais ao imperador que reivindicava ser divino ou era tratado como tal.⁴

Uma olhada geral sobre Ap 18 permite-nos observar alguns detalhes sobre o texto, que está localizado na seção sobre julgamento da Babilônia. A expressão “Depois vi” (18,1) assinala um novo momento no assunto iniciado em 17,1. Ap 17,1 introduz a visão do julgamento da prostituta Babilônia, enquanto as declarações: “Depois destas coisas, vi outro anjo que descia do céu e que tinha grande autoridade. Toda a terra foi iluminada por sua glória” (18,1) e “Depois dessas coisas, ouvi como uma voz forte de multidão numerosa, dizendo” (19,1), estabelecem a ligação entre a visão do julgamento da prostituta e a celebração com o que precede e sucede a descrição da queda da cidade. O “anjo que desce do céu” anuncia a queda da cidade (18,1), enquanto um “anjo forte” atira ao mar uma grande pedra afirmando que o mesmo acontecerá com a grande Babilônia (18,21). A descida do anjo que “ilumina a terra com a sua glória” (18,1) contrasta com a Babilônia, que “se tornou morada de demônios, prisão de todo pássaro impuro e prisão de todo animal impuro e odiado” (18,2).

Ap 18 contém também algumas características que refletem as metáforas da prostituta (Ap 17) e da cidade, além de vários elementos que ligam estes

⁴ KRAYBILL, J. N., *Imperial Cult and Commerce in John's Apocalypse*, p. 15-17.

capítulos: o “outro anjo” (18,1) e o *angelus interpres*, guia e intérprete as narrativas de visão apocalíptica (Dn 7m15; 8,15; 4Esd 12,10-30; Ap 17,1.3.7.16); Babilônia é chamada de cidade (17,5.18; 18,2.4.10.16.18-19.21) e de mulher (17,1-7.9.15-16; 18,3.7-16); a imagem dos reis da terra que se prostituem com a mulher (17:2; 18:3.9); os habitantes da terra (17,2), ou seja, todas as nações “beberam do vinho da sua prostituição” (18,3); a imagem da Babilônia incendiada (17,16; 18:8-9.18); a descrição da mulher/cidade “vestida de linho fino, púrpura e escarlate, adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas” (17,4; 18,16); referências ao julgamento (17,1; 18,10.20) e a menção do sangue dos santos (17,6; 18,24).⁵

Estas ligações indicam o desenvolvimento de Ap 17-18. Ap 18 desenvolve elementos significativos de 17,1-6, mas não menciona o monstro sobre o qual a prostituta está assentada (17,8-14). A prostituta, personagem destacada em 17,1-6 e na interpretação de 17,7.15-18, não é mais mencionada a partir de 17,8, mas apenas as suas atividades (18,3.10). A interpretação do anjo em 17,18 identifica a mulher com a cidade: “E a mulher que vistes é a grande cidade que domina sobre os reis da terra”. Ap 18 desenvolve a metáfora da cidade; Ap 17, o motivo da prostituta, o qual é novamente indicado em 19,2: “pois julgou a grande prostituta, a qual corrompia a terra com sua prostituição”, conclusão que reforça a identificação entre a prostituta e a cidade. Ao apresentar o desdobramento progressivo do “julgamento da grande meretriz”, que é o julgamento da Babilônia, o texto articula-se da proposição antecipada em 16,19: “A grande Babilônia foi lembrada diante de Deus, para que ele lhe desse a taça do vinho do furor de sua ira”, para o encontro com a prostituta e o monstro, a cidade e a conclusão de 19,2: “pois julgou a grande prostituta, a qual corrompia a terra com sua prostituição”.⁶

⁵ RUIZ, J. P., Ezekiel in the Apocalypse, p. 255.

⁶ RUIZ, J. P., Ezekiel in the Apocalypse, p. 256-257.

O texto de Ap 18 é o seguinte:

¹ Depois destas coisas, vi outro anjo que descia do céu e que tinha grande autoridade. Toda a terra foi iluminada por sua glória. ² Clamou com voz forte, dizendo: “Caiu, caiu a grande Babilônia e se tornou morada de demônios, prisão de todo pássaro impuro e prisão de todo animal impuro e odiado. ³ Porque todas as nações beberam do vinho do furor de sua prostituição e porque os reis da terra com ela se prostituíram. Também os mercadores da terra se enriqueceram com o poder de sua luxúria”. ⁴ Então ouvi outra voz do céu, que dizia: “Sai dela, meu povo, para que não sejais cúmplices de seus pecados e parar que não recebeis de suas pragas. ⁵ Porque seus pecados se acumularam até o céu, e Deus se lembrou dos crimes dela. ⁶ Dai-lhe na mesma medida com que ela deu e restituí em dobro, segundo as suas obras. No cálice em que ela misturou bebidas, misturai-lhe em dobro. ⁷ O quanto ela se glorificou e viveu em luxúria, na mesma medida dai-lhe tormento e luto, porque dizia em seu coração: ‘Estou entronizada como rainha, não sou viúva, jamais verei luto!’ ⁸ Por isso, em um dia virão as suas pragas: morte, luto e fome. E ela será consumida em fogo, porque é forte o Senhor Deus que a julga. ⁹ Chorarão e se golpearão por causa dela os reis da terra, os que com ela se prostituíram e se entregaram à luxúria, quando virem a fumaça de seu incêndio. ¹⁰ Ficarão de longe por medo de seu tormento, dizendo: “Ai, ai, a grande cidade da Babilônia, a cidade forte! Pois em uma hora veio teu juízo”. ¹¹ Os comerciantes da terra choram e se lamentam por ela, porque ninguém mais compra suas mercadorias: ¹² Mercadoria de ouro, de prata, de pedra preciosa, de pérolas; de linho fino e púrpura, de seda e de escarlate; e toda madeira aromática; de todo objeto de marfim, de todo objeto de madeira nobre, de bronze, de ferro e de mármore; ¹³ e canela e especiarias, incenso, perfume, bálsamo; vinho, azeite, flor de farinha e trigo; e mercadoria de gado, de ovelhas, de cavalos, de corpos e vidas humanas. ¹⁴ O fruto do desejo de tua alma te abandonou. Tudo o que é valioso e radiante foi tirado de ti, e não mais o acharás. ¹⁵ Os mercadores dessas coisas, que se enriqueceram com ela, ficarão longe por medo do seu sofrimento, chorando, lamentando ¹⁶ e dizendo: “Ai, ai, a grande cidade, a que estava vestida de linho e púrpura, e adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas, ¹⁷ porque em uma hora foi devastada tamanha riqueza”. Todo piloto, tudo o que navega, marinheiros e quantos trabalham no mar, ficam de longe, ¹⁸ e clamam vendo a fumaça de seu incêndio, dizendo: “O que é

semelhante a esta grande cidade?”¹⁹ Lançaram pó sobre suas cabeças e clamaram, chorando, lamentando e dizendo: “Ai, ai, a grande cidade, na qual se enriqueceram todos os que têm barcos no mar, de suas preciosidades, porque em uma hora foi devastada!”²⁰ Exultai sobre ela, ó céus, e vós, os santos, os apóstolos e os profetas, porque Deus contra ela julgou vossa causa.²¹ Então um anjo forte levantou uma grande pedra como de moinho e a lançou ao mar, dizendo: “Com esta violência, Babilônia, a grande cidade, será lançada e não mais será encontrada.²² Nenhum dom de harpistas, de músicos e de tocadores flautas e tocadores de trombetas se ouvirá mais em ti; nenhum artesão de arte alguma já não mais será achado em ti; e o barulho do moinho não se ouvirá mais em ti.²³ A luz da candeia não mais brilhará em ti; nem a voz do noivo e da noiva em ti se ouvirá jamais; porque teus mercadores eram os maiores da terra, porque por intermédio da tua feitiçaria foram seduzidos todos os povos²⁴ e nela foi encontrado o sangue de profetas, dos santos e de todos os que foram imolados sobre a terra.”²⁵

2- Ap 18 e os lamentos fúnebres sobre Tiro

A destruição da Babilônia e o colapso do mundo associado a ela são apresentados com os elementos do lamento fúnebre, já presente nos profetas do Antigo Testamento. O cântico fúnebre, comum à cultura do Oriente Próximo antigo, falava do morto, do consolo, da situação posterior à morte, mas os profetas de Israel o utilizaram para falar da comunidade, da nação, do povo, do declínio político, agitando, advertindo (em época de paz), antecipando a queda do reino, variando do contexto afetivo de tristeza à ironia. O profeta Amós anuncia a queda da “virgem, filha de Israel”, que não cumpriu o propósito de Deus para a sua vida. Há também o lamento de Miquéias sobre Samaria (1,8), o lamento de Jeremias sobre Jerusalém (9,18), os lamentos simbólicos de Ezequiel sobre a casa real de Judá (Ez 19), Tiro e seus príncipes (Ez 26,1-28,19), o desdenhoso lamento do mesmo profeta sobre o faraó (Ez 32) e o irônico lamento sobre o rei da Babilônia (Is 14). Os profetas de Israel apresentam aos seus destinatários a vinha cheia de frutos (Ez 19,10-14), as campinas com flores da primavera (Is 40,6), Jerusalém como mãe (Lm Jr 1), a virgem filha de Israel (Am 5,2), a leoa soberba com

⁷ A Bíblia: Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2015.

o seu filho (Ez 19,1-9), o crocodilo do Nilo (Ez 32,2-10) e o espetáculo dos mercadores de Tiro (Ez 27).⁸

Os lamentos fúnebres sobre Tiro (Ez 26,15-18 e 27,1-8.26-36) e os oráculos sobre a queda da Babilônia (Jr 50-51; Is 13-14; 23; 47) são de grande significado para a composição de Ap 18, cuja estrutura pode ser apresentada da seguinte forma:

1) 18,1-3: narrativa de visão da queda da Babilônia. Ap 18,1-2a é apresenta a visão (“vi outro anjo”) e os vv.2b-3, o relato das palavras do anjo, é um anúncio de destruição e uma fundamentação do “porque” a cidade está sendo destruída (18,2b-3).

2) 18,4-20: narrativa de uma voz celestial, que prediz a queda da Babilônia⁹ e contém três unidades:

a) 18,4-8: duas ordens: a primeira, para o povo de Deus sair da cidade (18,4-5); a segunda, para executar o julgamento sobre a Babilônia (18,6-8). As ordens são dadas em 18,6-7a e explicadas em 18,7b-8. A perdição da cidade é narrada com verbos no modo imperativo. Ap 18,7b-8 é um discurso com o morto, que responde de forma arrogante.

b) 18,9-19: lamentos dos reis (18,9-10), mercadores (18,11-17a) e marinheiros (18,17b-19), que seguem um modelo estrófico marcado pela regularidade e repetição. A introdução do lamento dos reis é repetida nos lamentos dos mercadores e marinheiros. O grito e o lamento dos reis ecoam nas introduções aos lamentos dos mercadores e marinheiros com dois verbos que descrevem seu lamento: “choram” e “pranteiam” (18,11.15.19). Os reis ficam de longe, como os outros dois grupos de lamentadores. No caso dos reis e mercadores, o medo do tormento da Babilônia é a razão para sua distância (18,10.16).¹⁰ Estes lamentos têm uma estrutura semelhante, com cinco partes:

- Os reis, mercadores e marinheiros choram e lamentam (vv. 9.11.19).
- Eles têm medo do tormento da Babilônia (vv. 10a.15.18).
- Todos dizem: “Ai, ai, da grande cidade” (vv. 10.16.19).

⁸ NOGUEIRA, P., *Der Widerstand gegen Rom in der Apocalypse des Johannes*, p. 137-138; WESTERMANN, C., *Basic Forms of Prophetic Speech*, p. 202-203; SEVERINO CROATTO, J., *O discurso dos tiranos em texto proféticos e apocalípticos*, p. 33-45.

⁹ Esta seção envolve as palavras proferidas pela voz do céu, indicada em 18,4. A maioria dos intérpretes e traduções supõem que as palavras da voz do céu terminam em 18,8, mas não há razão para essa suposição, pois a predição da queda de Babilônia, que começa em 18,7b-8, continua com a predição de como os reis, os mercadores e os marinheiros lamentam a sua queda (18,9-19). João não está descrevendo o lamento em si mesmo, mas dá continuidade ao relato das palavras da voz celestial. (O tempo futuro nos vv. 9-10,15 deixa claro que o relato dos enlutados é uma predição; a vivacidade da cena explica os tempos presente e passado nos vv. 11, 14, 17-19 [...])” (BAUCKHAM, R., *The Climax of Prophecy*, p. 340-341).

¹⁰ RUIZ, J. P., *Ezekiel in the Apocalypse*, p. 411-414.

- Todos chamam Babilônia de “a grande cidade” e falam da opulência das suas riquezas.
- Todos ficam de longe e falam da destruição repentina da cidade e da sua riqueza, o que contrasta com a sua opulência (vv. 10.16.19).

c) 18,20: ordem dada aos santos, apóstolos e profetas para se alegrarem. A sua alegria contrasta com a tristeza dos reis, mercadores e marinheiros.

3) 18,21-24: narrativa de uma ação simbólica executada por um anjo, que é interpretada como uma queda antecipada da Babilônia. O texto deriva do oráculo profético de Jeremias contra Jerusalém e Judá (25,10; 51,63-64) e contém três partes: a ação do “anjo forte”, que “tomou uma grande pedra como de moinho e a atirou no mar” (18,21a), a sua interpretação: “dessa maneira, com violência, Babilônia, a grande, será lançada, e jamais será encontrada” (18,21b-23b), e a razão pela qual a Babilônia deve cair: “Porque teus mercadores foram os grandes da terra; na tua feitiçaria foram seduzidas as nações; nela se achou sangue de profetas, santos e de todos os que foram mortos sobre a terra” (18,23c-24).¹¹ Ap 18,21-24 assinala a extinção da vida interna da cidade (18,22-23; Jr 7,34; 25,10; Ez 26,13) e os mercadores, que antes se beneficiavam com a luxúria da cidade, são mencionados pela última vez em 18,24. O retrato da desolação da cidade é completado pelo silêncio que resulta da rapidez da sua destruição.

Os lamentos fúnebres sobre Tiro (Ez 26,15-18; 27,1-8.26-36) e os textos proféticos sobre a queda da Babilônia (Jr 50-51; Is 13-14; 23; 47), que assinalam o contraste entre o brilho da cidade e sua devastação, entre o seu passado e o agora, constituem, portanto, o modelo para o lamento fúnebre de Ap 18, composto pelos cânticos fúnebres escatológicos (18,9-19) e anúncios de desgraça (18,2-8; 21-24), além de especificar as razões para tal desgraça: “os lamentos fúnebres de Ap 9-19 são anúncios de julgamento na forma das elegias de funeral pronunciados contra a Babilônia, postos ironicamente nos lábios daqueles que se beneficiaram com a sua prosperidade da Babilônia, e cuja

¹¹ Ap 18,21 e 24 utiliza a terceira pessoa para referir-se à cidade, mas 18,22-23 dirige-se à cidade na segunda pessoa do singular. Esta mudança da terceira para a segunda pessoa é encontrada nos discursos judiciais das profecias do Antigo Testamento (Mq 6,9c-15; Am 3,10-11; Is 30,8-14; Os 12,7-9), um modelo que é também encontrado na seção de julgamento de um discurso profético contra Roma em *Or Sib* III,350-366. Esta profecia, que pode ser classificada como um anúncio de julgamento, é uma criação literária na tradição das profecias políticas da apocalíptica judaica e do Oriente Próximo (AUNE, D. E., *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*, p. 285).

queda espelha também a sua própria ruína”.¹² A análise destes lamentos demonstra que “não há somente uma simples correspondência entre forma e função. Na superfície, eles expressam lamento, mas, quando expressam julgamento, e este julgamento é sobre um inimigo, o lamento assume um caráter paradoxal ou irônico, por causa da impossibilidade do genuíno lamento.”¹³

3- Lamentos dos reis, mercadores e marinheiros

Ap 18 inicia-se com um relato da visão da queda da Babilônia e a apresentação das razões pelas quais a cidade será destruída (18,1-3). A expressão “Caiu, caiu Babilônia” é também utilizada nos oráculos contra a Babilônia (Is 21,9; 47; Jr 50-51). A apresentação da Babilônia destruída como “morada de demônios, morada de espíritos imundos, de aves impuras, de monstros impuros e detestáveis”, é também similar à linguagem das profecias de devastação da Babilônia, Edom e Nínive (Is 13,19-22; 34,11-15; Jr 50,39; 51,37). O emprego das metáforas da prostituição e intoxicação oferece também um quadro mais amplo ao apresentar as razões da queda da Babilônia e mencionar três grupos a ela associados: as nações, os reis e os mercadores da terra: “Porque todas as nações beberam do vinho do furor de sua prostituição e porque os reis da terra com ela se prostituíram. Também os mercadores da terra se enriqueceram com o poder de sua luxúria” (18,3). Ap 18,1-3 utiliza a imagem da Babilônia como símbolo do poder hostil a Deus e ao seu povo através de uma releitura dos oráculos proféticos e, ao mencionar as transgressões econômicas: “os mercadores da terra se enriqueceram com o poder da sua luxúria” (18,3c), prepara o caminho para o uso dos oráculos de Ezequiel contra Tiro (Ez 26,1-28,19) em Ap 18,9-19.¹⁴

Os oráculos de Ezequiel contra Tiro pertencem ao bloco das profecias contra sete nações estrangeiras: Amon, Moabe, Edom, Filístia, Tiro, Sidom e Egito (Ez 25-32). Ez 26,1-28,19, que é um dos componentes de Ez 25-32, contém os oráculos contra Tiro e seus príncipes (26,15-18), os mercadores (27,12-24) e os marinheiros (27,29-36), apresentados na forma de cânticos fúnebres. Destes três lamentos, o primeiro e o menor deles (26,15-18), contém a fórmula do mensageiro, que indica que as palavras proferidas são do próprio Javé, e o lamento dos príncipes do mar: “Assim diz o Senhor a Tiro” (...) Todos os príncipes do mar descerão dos seus tronos, tirarão de si os seus mantos e despirão as suas vestes bordadas; de tremores se vestirão, assentar-se-ão na

¹² RUIZ, J. P., *Ezekiel in the Apocalypse*, p. 252.

¹³ AUNE, D. E., *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*, p. 285.

¹⁴ RUIZ, J. P., *Ezekiel in the Apocalypse*, p. 388-389.

terra e estremecerão a cada momento; e, por tua causa, pasmarão. Levantarão lamentações sobre ti e te dirão: Como pereceste, ó bem-povoada e afamada cidade, que foste forte no mar, tu e os teus moradores, que atemorizastes a todos os teus visitantes! (Ez 26,15a.17-18).

Em Ap 18, a série de espectadores que lamentam e observam à distância a queda da cidade começa com os reis da terra, também caracterizados como “os que com ela se prostituíram e viveram em luxúria” (18,3.10b): “Chorarão e se golpearão por causa dela os reis da terra, os que com ela se prostituíram e se entregaram à luxúria, quando virem a fumaça de seu incêndio. Ficarão de longe por medo de seu tormento, dizendo: “Ai, ai, a grande cidade da Babilônia, a cidade forte! Pois em uma hora veio teu juízo” (18,9-10). No seu lamento, a declaração “ai, ai”, que é parte dos lamentos referentes à Babilônia e, dentro da narrativa da voz celestial (18,4a), compõe a declaração enfática de julgamento contra Babilônia (Jr 51,2), é estendida na expressão: “Babilônia, a poderosa cidade”, chamando a atenção para este aspecto da queda da cidade e concentrando-se na descrição da ruína do seu poder (Ez 26,17). A queda repentina da cidade é reafirmada pela expressão: “Pois o seu julgamento veio em uma hora” (18,10).

O poder de Deus é exercido na execução do julgamento da Babilônia, o qual envolve a perda do seu poder (Ez 26,17; Ap 18,10b); os que “que choram a sua ruína são todos aqueles que compartilhavam da sua atividade”.¹⁵ A rapidez da queda da cidade e reafirma a qualidade forense deste evento ao utilizar uma expressão que é um eco de Ap 17,1: “o seu julgamento veio em uma hora”. O orgulho da Babilônia e o seu poder (14,8; 17,2.4; 18,3.7.9), são rapidamente destruídos; a rapidez da sua queda se expressa também no gesto do anjo de 18,21, mas ela ocorre por causa do poder de Deus (18,8). Os reis da terra compartilham da ruína da Babilônia e choram ao ver a rapidez da sua destruição. O seu lamento é formulado a partir da perspectiva dos seus interesses que foram prejudicados com a queda da cidade e, como ocorrerá no lamento dos mercadores e marinheiros (18,16-17.19), contém uma visão retrospectiva do que foi destruído e a confirmação da rapidez da destruição. A visão retrospectiva identifica aquilo que é a causa principal da tristeza dos que lamentam, o fim do poder da Babilônia, sob cuja proteção eles estabeleceram o seu próprio poder e, ao mesmo tempo, representaram e garantiram as normas até então prevalecentes.¹⁶

O segundo lamento, pronunciado pelos mercadores da terra (18,11-17b), isto é, aqueles que “se enriqueceram da força da luxúria da grande cidade” (18,3), sem deixar de mostrar as consequências da ruína da grande cidade, é precedido pela enumeração das mercadorias que a atividade econômica proporcionava à Babilônia: “ouro, prata, pedras preciosas, pérolas, linho e púrpura, seda, escarlate, madeira odorífera, vaso de

¹⁵ ADRIANO FILHO, J. Idolatria, poder e comércio, p. 152.

¹⁶ ROLLOFF, J., Revelation, p. 206.

marfim, vaso de madeira preciosa, bronze, ferro, mármore, cinamomo, amono, perfumes, unguento, incenso, vinho, azeite, farinha finíssima e trigo, animal de carga e ovelhas, cavalos e carros, escravos e vidas humanas” (18,12-13).¹⁷ Neste catálogo, que “ilustra a luxúria de vida e a vastidão do comércio da Babilônia e oferece um amplo retrato do comércio da época, encontramos pedras preciosas e objetos de luxo, metais, madeira e mármore, artigos de alimentação e, finalmente o comércio de escravos.”¹⁸

Este catálogo de mercadorias é inspirado em Ez 27,12-24 e faz parte da introdução do lamento dos mercadores. Ele antecipa a quarta e quinta partes da estrutura do lamento e indica o que será perdido com a queda da Babilônia. Ap 18,16, que repete seis dos itens da lista, apresenta a ruína da cidade de uma forma a lembrar Ap 17,4; 18,12-13.14, além de estabelecer a ligação entre as vestes da prostituta e as vestes idênticas da grande cidade (17,4; 18,16). Ap 18,15 assemelha-se também a 18,9 e 18,17b-19 ao descrever o medo dos mercadores e a sua distância do incêndio da cidade. Eles “choram e pranteiam” (18,15.19), pois não mais se beneficiam do comércio com a Babilônia. Eles são os que se enriqueceram com ela (18,3). Por essa razão, Ap 18,16-17a retoma 17,4, que descreve a opulência do aparecimento da prostituta, cujo esplendor transforma-se agora em julgamento (18,16-17a). O lamento dos mercadores (18,11-17a) segue o mesmo plano do lamento dos reis e dos mercadores. Os reis choram devido à queda da cidade, “mas os mercadores lamentam a destruição das suas riquezas a partir de uma descrição que deriva da apresentação da grande prostituta”.¹⁹

O terceiro lamento, dos marinheiros (18,17b-19), é o que mais se assemelha ao modelo apresentado no oráculo de Ezequiel contra Tiro: “Ao estrondo da gritaria dos teus pilotos tremerão as praias. Todos os que pegam no remo, os marinheiros, e todos os pilotos do mar descerão de seus navios e pararão em terra; farão ouvir a sua voz sobre ti e gritarão amargamente; lançarão pó sobre a cabeça e na cinza se revolverão; far-se-ão calvos por tua causa, cingir-se-ão de pano de saco e chorarão sobre ti, com amargura de alma, com amargura e lamentação. Levantarão lamentações sobre ti no

¹⁷ Os termos “escravos” e “vidas humanas” (Ez 27,13) utilizados no final do catálogo se referem ao comércio regular de escravos e a escravos que, juntamente com prisioneiros de guerra e alguns criminosos tinham como destino a morte, lutando pela vida nos anfiteatros de Roma. Para João, os escravos não seres humanos, não simplesmente mercadorias para serem compradas e vendidas como propriedade e, mencionar o comércio de escravos, ele salienta que os escravos não são meras carcaças de animais para serem compradas e vendidas como propriedade, mas são seres humanos. João denuncia a brutalidade desumana e o desprezo pela vida humana, sobre os quais repousava toda a prosperidade e luxo da Babilônia (BAUCKHAM, R., *The Climax of Prophecy*, p. 370-371; RAMIREZ FERNANDEZ, D., “O juízo de Deus contra as transnacionais - Apocalipse 18”, p. 61).

¹⁸ ADRIANO FILHO, J. *Idolatria, poder e comércio*, p. 147-148.

¹⁹ RUIZ, J. P., *Ezekiel in the Apocalypse*, p. 443.

seu pranto, lamentarão sobre ti, dizendo: Quem foi como Tiro, como a que está reduzida ao silêncio no meio do mar? Quando as tuas mercadorias eram exportadas pelos mares, fartaste a muitos povos; com a multidão da tua riqueza e do teu negócio, enriqueceste os reis da terra. No tempo em que foste quebrada nos mares, nas profundezas das águas se afundaram os teus negócios e toda a tua multidão, no meio de ti. Todos os moradores das terras dos mares se espantam por tua causa; os seus reis tremem sobremaneira e estão de rosto perturbado. Os mercadores dentre os povos assobiam contra ti; vens a ser objeto de espanto e jamais subsistirás” (Ez 27,28-36).

O lamento dos marinheiros repete as características encontradas nos lamentos dos reis e mercadores (18,10.15), dá unidade a 18,9-19 e liga os três lamentos entre si: “Todo piloto, tudo o que navega, marinheiros e quantos trabalham no mar, ficam de longe, e clamam vendo a fumaça de seu incêndio, dizendo: ‘O que é semelhante a esta grande cidade?’ Lançaram pó sobre suas cabeças e clamaram, chorando, lamentando e dizendo: “Ai, ai, a grande cidade, na qual se enriqueceram todos os que têm barcos no mar, de suas preciosidades, porque em uma hora foi devastada!” (Ap 18,17b-19). A identificação dos que lamentam como “piloto, tudo o que navega, marinheiros e quantos trabalham no mar” enfatiza mais o aspecto comercial que o marítimo: “na qual enriqueceram todos os que têm navios no mar” (18,19b).

Ao descrever os negócios da Babilônia com os reis e os mercadores da terra, Ap 18,3 prepara o caminho para o aparecimento desses personagens em 18,9-10.11-17a. A preparação para a aparição dos marinheiros não é tão explícita na proclamação do anjo em 18,2-3, mas eles não estão fora de lugar em Ap 18,17b-19. No começo de Ap 17, a grande prostituta está associada a “muitas águas”, como o monstro que surge do mar (13,1; 17,3). Em Ap 12,12, ambos, terra e mar, são designados como a esfera da atividade do diabo, numa cláusula que começa com “ai”. A repetição de “ai, ai” (18,10.16.19) reforça esta conexão. Os lamentos de 18,9-19 são atribuídos aos “reis da terra”, aos “mercadores da terra” e aos “que têm negócios no mar”, toda a área de influência do monstro. Nesse sentido, os marinheiros completam o retrato da Babilônia, cuja queda é simbolizada pela pedra que é lançada nas profundidades do mar (18,21). O seu gesto: “Lançam pó sobre as suas cabeças” e “gritavam, chorando e pranteando” (18,19), inclui também a exclamação “Quem é semelhante à grande cidade?”, antes deste gesto e do próprio lamento.²⁰ O lamento dos marinheiros começa com uma expressão geral de tristeza e é seguido por uma referência específica à glória anterior à grande cidade que é reconhecida como perdida: “porque em uma hora foi tomada deserta”, ou seja, a tristeza dos marinheiros tem como causa a ruína da riqueza que se ganhava através do comércio marítimo com a Babilônia. Os marinheiros lamentam as

²⁰ VANHOYE, A., “L’utilisation du livre d’Ezéchiel”, p. 438.

oportunidades perdidas para adquirir mais riqueza, da mesma forma que os mercadores o fizeram (18,15-17a).

4- Presença e ressignificação de Ez 26,1-28,19 em Ap 18

O Apocalipse de João transforma criativamente textos e tradições das Escrituras Judaicas e os utiliza em um novo contexto, como em Ap 18, que combina os oráculos sobre a queda de Tiro (Ez 26,15-18; 27,1-8.26-36) e da Babilônia (Jr 50-51; Is 13-14; 23; 47). Estes oráculos fornecem nome da cidade que será destruída e forma à descrição da sua queda. Como entidade sociopolítica, “a Babilônia destruiu o templo de Jerusalém e conduziu o povo de Deus para o exílio”, razão pela qual ela “ganhou um papel permanente e paradigmático como o poder opressivo oposto a Deus e ao seu povo”, o que, justamente, “permitiu a reapropriação dos oráculos proféticos contra a Babilônia e a releitura e reaplicação desta imagem num novo contexto histórico.”²¹ O uso da metáfora da “grande cidade”, mais do que qualquer outro exemplo de polêmica anti-romana é, pelo menos em um nível de significado, uma alusão à Roma que, como Babilônia, destruiu o templo e a cidade de Jerusalém (70 d.C.); a aplicação desta imagem a Roma implica, provavelmente, que a sua queda iminente é vista pelo autor do Apocalipse, pelo menos em parte, como retribuição para a queda de Jerusalém (70 d.C.).²²

A Babilônia, personificada como uma prostituta em Ap 17 a partir de características extraídas de acusações proféticas de Babilônia, Nínive e Tiro, juntamente com aspectos da Roma imperial, é apresentada como um símbolo do poder imperial e a figura da “grande meretriz” estigmatiza a idolatria do culto e o luxo deste império.²³ Em Ap 18, a “releitura de Ez 26,1-28,19 é endereçada a um novo destinatário, a cidade para onde confluía as riquezas do mundo e onde a idolatria do mundo inteiro, dos pequenos e dos grandes, dos trabalhadores e dos chefes se manifesta coma a mais insuportável luxúria.”²⁴ Essa visão culmina na destruição violenta da cidade, e Ap 18 explora agora as razões do seu desaparecimento. Sua arrogância é sugerida pelo seu domínio sobre os reis da terra e grande ostentação. A obsessão pelo luxo é demonstrada por seu ouro, joias e roupas caras. Sua idolatria era evidente na abominação e impureza e na sua confiança nas reivindicações blasfemas dos monstros (Ap 13; 17). A brutalidade da Babilônia é demonstrada pelo massacre dos santos e

²¹ ADRIANO FILHO, J. Idolatria, poder e comércio, p. 150-151.

²² COLLINS, A. Y., “Revelation 18: Taunt Song or Dirge?”, p. 200.

²³ WENGST, K., Pax Romana, p. 180-183.

²⁴ ADRIANO FILHO, J. Idolatria, poder e comércio, p. 151.

testemunhas de Jesus (Ap 18,23-24). Todos esses temas são desenvolvidos nestas cenas de julgamento e lamentação.²⁵

Dentre os três grupos comprometidos com a cidade: “os reis da terra” (18,9), “os mercadores da terra” (18,11) e “os armadores navais e os que trabalham no mar” (18,17)”, os primeiros que lamentam a sua queda, os “reis da terra”, apresentados como os “com ela se prostituíram” (18,3), deviam demonstrar amizade e lealdade aos imperadores romanos, mas o Apocalipse retrata esta prática como o relacionamento degradado de um cliente com uma prostituta. Política e economicamente, o Apocalipse apresenta-os quem se associa ao poder governante para satisfazer os seus desejos. Eles são culpados pelo tráfico religioso com o poder dominante; no Apocalipse, o culto imperial é uma forma consumada de idolatria.²⁶ Eles também “ficam de longe”, isso é, a uma distância segura pelo medo que tem de sofrer como a Babilônia, mas tal distanciamento demonstra que sua principal preocupação é sua autopreservação. Eles se rebaixaram ao associar-se à cidade para obter benefícios, mas não tinham um vínculo profundo com ela.²⁷

Os mercadores viajavam para comprar mercadorias num mercado e vendê-las em outro. Alguns mercadores seguiam rotas comerciais terrestres, mas a maioria viajava por mar, uma vez que as mercadorias podiam ser transportadas de forma mais barata em navios, permitindo aos mercadores obterem maiores lucros. Eles eram movidos pelo desejo de riqueza. A viagem podia ser árdua, a carga podia ser perdida devido a roubo ou tempestades no mar. Naufrágios podiam tirar a vida dos comerciantes, mas as pessoas se aventuravam pelos mares para ganhar e acumular riqueza. O catálogo de mercadorias destaca itens de luxo, como metais preciosos, pedras preciosas e tecidos caros. Era caro transportar mercadorias, pagar impostos e reembolsar os investidores, por isso os comerciantes preferiam mercadorias que tivessem um elevado valor de revenda para alcançar mais lucro. Ap 18 ressalta a sensação de luxo ao vincular a riqueza dos comerciantes: “que se enriqueceram da força da sua luxúria” (18,3), à extravagância da grande cidade e sua obsessão por ouro, joias e roupas finas. O catálogo finaliza com o comércio de escravos, cujo papel era significativo na economia da Antiguidade.²⁸

Os marinheiros estavam também envolvidos no comércio marítimo. Os mercadores alugavam espaço nos navios para exportar e importar mercadorias. A vida a bordo dos navios era limitada e as tempestades regularmente arruinavam os navios e ceifavam a vida dos marinheiros, mas as pessoas arriscavam as suas vidas e investimentos no mar em busca de riqueza. Eles tinham o lucro como o único objetivo.

²⁵ COLLINS, A. Y., *Crisis and Catharsis*, p. 123.

²⁶ ADRIANO FILHO, J.; NOGUEIRA, P., *O culto imperial e o Apocalipse de João*, p. 149-171.

²⁷ KOESTER, C. R., *Revelation*, p. 716-718.

²⁸ KOESTER, C. R., *Revelation*, p. 718-722.

A sua declaração: “Quem é semelhante à grande cidade?” (18,18), é um eco de “Quem é como a besta e quem pode guerrear contra ela?” (13,4). O objeto de admiração é incomparavelmente grande, mas agora a grandeza da cidade não mais existe; a aparência do monstro de força incomparável é também falsa. A motivação do lucro está presente no lamento dos marinheiros: “a qual, da sua opulência, enriqueceram todos os que têm navios no mar, porque em uma hora foi devastada” (18,19). Em geral, os marinheiros e comerciantes sofriam quando as tempestades afundavam os seus navios antes que pudessem levar os seus produtos ao mercado, dessa forma reduzindo-os à pobreza. Em Ap 18, o próprio mercado – a Babilônia - é destruído, levando consigo as suas esperanças de acumular mais riquezas. O fim da cidade significa a perda de um parceiro de negócios lucrativo.²⁹

O poder imperial, as estruturas a partir das quais ele se sustenta, a sua “expansão para os estados e reinos que dele participam e a rede de relações de dependência que foi criada vêm ao fim: o poder absoluto, as riquezas acumuladas e a cidade são destruídas”. Ap 18 constitui, nesse sentido, “um discurso contra o exercício do poder e o modo como ele se expressa, entre outras formas, através do comércio.”³⁰ Nesta leitura teológica da política econômica através da mediação dos profetas do Antigo Testamento, Ap 18 denuncia o sistema econômico instaurado por aquele poder político; este sistema provoca a miséria para muitos e a perseguição e morte da comunidade fiel. Ap 18 exorta também os seus destinatários a romper toda ligação política e econômica com o império injusto, idólatra e avaro, denunciando o orgulho e soberba que nasce do saber de que se tem o poder político e econômico total e o ostenta sem reconhecer nenhum tipo de poder superior: “Saí dela ó povo meu, para não participardes dos seus pecados” (Ap 18,4-5).

Referências bibliográficas

A BÍBLIA. Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2015.

A BÍBLIA SAGRADA. Edição Revista e Atualizada. Brasília: SBB, 1969.

ADRIANO FILHO, J. Idolatria, poder e comércio. Um estudo de Apocalipse 18,1-24. **Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral**, vol. 3, núm. 1, p. 137-

²⁹ KOESTER, C. R., Revelation, p. 722-723.

³⁰ ADRIANO FILHO, J. Idolatria, poder e comércio, p. 151.

155, Janeiro-Junho, 2011. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/pdf/4497/449749237008.pdf>.

ADRIANO FILHO, J.; NOGUEIRA, Paulo. O culto imperial e o Apocalipse de João. **Estudos de Religião**, v. 33, n. 1, p. 149-171, jan.-abr. 2019. Disponível em:
<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/9359>.

AUNE, Davi. E. **Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World**. Grand Rapids, WBE Company, 1983.

AUNE, David. E. **Revelation III**. Word Biblical Commentary. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1998.

BAUCKHAM, Richard. **The Climax of Prophecy**. Studies on the Book of Revelation. Edinburgh: T & T Clark, 2000.

COLLINS, Adela. Y. **Crisis and Catharsis: The Power of the Apocalypse**. Philadelphia: Westminster, 1984.

COLLINS, Adela. Y. "Revelation 18: Taunt-Song or Dirge?" In: Lambrecht Jean (Ed.). **L'Apocalypse Johannique et l'Apocalyptique dans le Nouveau Testament**. Paris & Gembloux, J. Ducolot & Leuven University Press, 1980, p. 196-199.

KOESTER, Craig. R. **Revelation**. A New Translation with Introduction and Commentary. The Anchor Yale Bible. Vol. 38A. New Haven & London: Yale University Press, 2014.

KRAYBILL, J. Nelson. **Imperial Cult and Commerce in John's Apocalypse**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996.

LO, Wei. **Ezekiel in Revelation: Literary and Hermeneutic Aspects**. Tese de doutorado. Edinburgh: The University of Edinburgh, 1999.

MOYISE, Steve. **The use of the Old Testament in the Book of Revelation**. Tese de doutorado. Birmingham: University of Birmingham, 1994.

NOGUEIRA, Paulo. **Der Widerstand gegen Rom in der Apokalypse des Johannes**. Eine Untersuchung zur Tradiktion des Falls von Babylon in Apokalypse 18. Tese de doutorado. Heidelberg: Karl-Ruprecht Universität, 1991.

RAMIREZ FERNANDEZ, D. “O juízo de Deus contra as transnacionais - Apocalipse 18”. **RIBLA** (Petrópolis), v. 5-6, p. 49-67, 1990.

ROLLOFF, Jürgen. **Revelation**. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

RUIZ, Jean. P. **Ezekiel in the Apocalypse: The Transformation of Prophetic Language in Revelation 16,17-19,10**. Frankfurt: Peter Lang, 1989.

SEVERINO CROATTO, J. O discurso dos tiranos em texto proféticos e apocalípticos. **RIBLA** (Petrópolis), v. 8, n. 3, p. 33-45, 1991.

VANHOYE, Albert. “L’ utilisation du livre d’Ezéchiél dans l’Apocalypse”. **BIBLICA**, n. 43, p. 436-476, 1962.

VOGELGESANG, Jeffrey. M. **The Interpretation of Ezekiel in the Book of Revelation**. Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press, 1985.

WENGST, Klaus. **Pax Romana**. Pretensão e Realidade. São Paulo, Edições Paulinas, 1991.

WESTERMANN, Claus. **Basic Forms of Prophetic Speech**. Philadelphia: The Westminster Press, 1977.

José Adriano Filho

Doutor em Ciências da Religião Universidade Metodista do Estado de São Paulo

Docente da Faculdade Unida de Vitória

Vitória / ES – Brasil

E-mail: j.adriano1@uol.com.br